



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

JUCILANDIO CORDEIRO DE SOUSA

**“São as formigas operárias que fazem a opulência do formigueiro”: representações
acerca do Hospital de alienados da Tamarineira na imprensa pernambucana (1931-
1935)**

RECIFE – PE

2021

JUCILANDIO CORDEIRO DE SOUSA

“São as formigas operárias que fazem a opulência do formigueiro”: representações acerca do Hospital de Alienados da Tamarineira na imprensa pernambucana (1931-1935)

Relatório técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador (a): Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar

FOLHA DE APROVAÇÃO

JUCILANDIO CORDEIRO DE SOUSA

“São as formigas operárias que fazem a opulência do formigueiro”: representações acerca do Hospital de alienados da Tamarineira na imprensa pernambucana (1931-1935)

Trabalho de Conclusão do Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Data de Aprovação - 18/11/2021

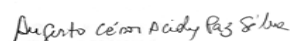
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar – UNICAP

(Orientador e Presidente da Banca)

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP



Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva (Titular Externo)

AESA-CESA



Prof. Dr. Flavio José Gomes Cabral- (Titular Interno)

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

**RECIFE
2021**

S725s Sousa, Jucilandio Cordeiro
“ São as formigas operárias que fazem a opulência do formigueiro”: representações acerca do Hospital de alienados da Tamarineira na imprensa pernambucana (1931-1935) / Jucilandio Cordeiro Sousa, 2021
43 f. : il.

Orientador: Tiago da Silva Cesar
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História. Mestrado Profissional em História, 2021.

1. Pernambuco - História. 2. Hospitais psiquiátricos.
3. Hospital Ulysses Pernambucano. 4. Pernambucano, Ulysses, 1892-1943. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

[...] A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

(MELLO, 1964, p. 1)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem Ele não conseguiria enfrentar os obstáculos encontrados ao longo do (per)curso e vencê-los.

À minha esposa, que me incentivou nos momentos difíceis e de inseguranças e me ajudou na escolha da temática sobre o “Hospital da Tamarineira”, além de compreender a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Ao meu professor orientador Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar, pelos ensinamentos, pela compreensão do meu tempo de produção e, por conseguinte, pela paciência dispensada a minha pessoa. Agradeço também pelas dicas que me ajudaram nos caminhos tortuosos da pesquisa. Agradeço ao Prof. Flávio José Gomes Cabral, pela contribuição não só em sala de aula, mas também na qualificação do presente mestrado. A mesma gratidão vai para o Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva, pelas valiosas contribuições postas na qualificação, que contribuiu para a melhoria do produto final.

Ao meu amigo Braz, que ouviu muitas vezes minhas lamúrias, as quais chegaram perto do pensamento da desistência do curso.

Aos meus professores, que, ao longo do curso de História na Universidade Católica de Pernambuco, me corrigiram e me ensinaram, para que eu pudesse apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

Aos meus colegas de turma, que também passaram por momentos de aprendizagem e dividiram seus sonhos comigo.

RESUMO

Neste relatório expusemos parte de nossa pesquisa sobre o Hospital da Tamarineira, visando ancorar a feitura de produto com fins paradidáticos. Fundamentalmente, procuramos analisar algumas representações contidas na imprensa pernambucana, com destaque para os jornais *A Província*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal Pequeno* entre os anos de 1931 e 1935. De maneira breve, trouxemos à tona trechos de reportagens veiculadas nos supracitados periódicos, bem como inferências sobre eles, de modo a contribuir para a elucidação de aspectos históricos do hospício que é conhecido popularmente como “Tamarineira”, devido ao bairro do Recife em que está localizado. O recorte temporal escolhido fez referência ao processo de “restauração” desse hospital capitaneado pelo gestor Dr. Ulysses Pernambucano. Metodologicamente, para além das fontes jornalísticas, nos valemos de teóricos da história, a exemplo de Tânia Regina de Luca, Michel Foucault e Roger Chartier, bem como de textos complementares seja da história ou de outros ramos do saber. Conforme sinalizado, a partir dessa pesquisa interdisciplinar, elaboramos um livro paradidático em formato eletrônico preferencialmente destinado a graduandos de História. Frisamos que nossa contribuição é basilar, de modo a servir de apoio a estudos mais detalhados sobre o objeto pesquisado.

Palavras-chave: Hospital da Tamarineira, Hospícios, Ulysses Pernambucano, História de Pernambuco.

ABSTRACT

In this report, we exposed part of our research about the Hospital of Tamarineira, aiming to anchor the making of the product with educational purposes. Fundamentally, we expected to analyze some of the representations found in Pernambuco's press, highlighting newspapers such as "A Província" "Diário de Pernambuco" and "Jornal Pequeno" through the years of 1931 and 1935. Briefly, we brought up some news excerpts printed on the before-mentioned gazettes, as well as inferences about them to contribute to the elucidation of the Asylum's, which is known as "Tamarineira" due to the neighborhood where it is located, historical aspects. The chosen time frame refers to the hospital's "restoration" process led by Doctor Ulysses Pernambucano. Methodologically, besides the journalistic sources, we relied on historical theorists, for example, Tânia Regina de Luca, Michel Foucault, and Roger Chartier, as much as on complementary texts from history and other branches of knowledge. As indicated, with this interdisciplinary research, we developed an electronic textbook preferably destined for history majors. We emphasize that our contribution is elementary and aimed at assisting in more detailed studies of the researched object.

Keywords: Hospital da Tamarineira, Hospices, Ulysses Pernambucano, History of Pernambuco.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	11
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....	20
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....	21
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO.....	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES.....	30
<i>7.1-Sites e blogs.....</i>	<i>30</i>
<i>7.2 – Jornais.....</i>	<i>30</i>
8. BIBLIOGRAFIA.....	39

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve por foco analisar imagens e representações que parte da imprensa pernambucana veiculava sobre do Hospital de alienados da Tamarineira, entre os anos de 1931 a 1935. Confesso que, em princípio, a minha relação com este tema foi de uma grande surpresa, haja vista que não me via produzindo algo relacionado de forma direta ou indireta com a temática da saúde mental, pois a minha área sempre foi, estritamente, a de humanas. Mas, em uma conversa despretensiosa com a minha esposa, que é formada no curso superior de Enfermagem, veio a sugestão de falar sobre a “Tamarineira”, não obstante isso, sempre que passava em frente ao hospital, eu ficava admirando o monumento arquitetônico, em funcionamento desde o século XIX.

Assim, a curiosidade a respeito de como era o funcionamento do maior hospital para alienados de Pernambuco, bem como as histórias por detrás dessa importante instituição foram tomando corpo. Tentei inicialmente retratar a importância desse hospício, incluindo o seu imponente “prédio-monumento”, visto que ele é tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado, mas com o seguimento das pesquisas, por sugestão do meu orientador, o prof. Dr. Tiago Cesar, percebemos estabelecer essa ponte entre o hospital e a imprensa na primeira metade da década de 1930.

Foi em decorrência das pesquisas que extraímos um título sugestivo para o livro paradidático: **“São as formigas operárias que fazem a opulência do formigueiro”**, haja vista que o movimento que circulava em torno do Hospital de Alienados de Pernambuco, confundia-se com as realizações do médico Ulysses Pernambucano e através de um discurso dele, que foi reproduzido pelo jornal *A Província* do dia 17/05/1933, quando das comemorações do terceiro aniversário da instalação do Serviço de Assistência a Psicopatas, que tal título nos apareceu. A supracitada frase em destaque demonstra a vontade do médico em divulgar de que não foi apenas dele os méritos pelo “sucesso” da empreitada. Na matéria é possível observar o tom propagandístico, principalmente quando se menciona o hospital como um local amplamente acolhedor. Tal sucesso vinculado ao local, dotado de zelo, organização e afeto, foi dividido por Ulysses com os seus colaboradores, daí a frase título do livro paradidático.

Trata-se sem dúvidas de uma metáfora importante, pois, se por um lado, manifesta a importância de todos os “operários”, por outro, não se subentende que funcionaria apenas

pelos primeiros. Embora tenha tentado suavizar o discurso, dizendo que antes de dirigir, em realidade era dirigido, sabe-se que o “formigueiro” em questão, dificilmente funcionaria sem uma estrutura hierárquica definida. O certo é que, durante aqueles anos entre 1931 e 1935, a imprensa local não se acanhava em produzir elogios dirigidos ao seu diretor, criando ou fortalecendo imagens e representações positivas de sua capacidade administrativa e, logicamente, do espaço psiquiátrico, signo dos novos tempos, da modernidade e do avanço da ciência.

Inferimos que tais fontes ajudaram a criar uma espécie de “mito” em torno de Ulysses Pernambucano, como também criou um discurso de modernidade da psiquiatria aplicada pelo hospital. A linguagem, os conceitos e as metáforas aplicadas pelas notícias ajudaram a construir uma realidade social que orbitavam a instituição e a seu gestor, que anos mais tarde viraria literalmente fazer parte do nome do hospital.

Assim, atualmente o Hospital da Tamarineira, oficialmente Hospital Psiquiátrico Ulysses Pernambucano, de acordo com a Secretaria Estadual de Saúde (SSE), é a unidade psiquiátrica de longa permanência mais importante de todo o país, sendo diferenciada por localizar-se numa área verde, oferecendo aos pacientes um ambiente apropriado às atividades terapêuticas e de lazer. “Sua área é de nove hectares, dos quais cinco estão cobertos por plantação, como palmeiras seculares.” (SSE, 2020, [s.p.]).

O ambiente bucólico “entre muros” que o hospital desfruta desta do ambiente externo – este localizado na Avenida Conselheiro Rosa e Silva, uma das vias públicas mais agitadas da zona norte do Recife – devido ao intenso tráfego de veículos automotores. Apesar da modernização que insistia em quebrar o ar campestre do bairro, é muito provável que, em fins da década de 1920, o espectador ainda se deparasse com pés de tamarindo no lado de fora do hospital¹. Afora a paisagem natural, harmonizada pela vegetação, o clima político brasileiro apontava para outro tipo de agitação, esta de cunho revolucionário.

A efervescência política que precedeu a década de 1930 foi expressa na chamada “Revolução de 30”, ou seja, no icônico movimento político-militar que determinou o fim da Primeira República² a partir da união entre os políticos e tenentes, que foram derrotados nas

¹ A localidade conhecida como Sítio da Tamarineira era formada por terras que ficavam nas proximidades da Estrada de Água Fria. Na região existiam alguns pés de Tamarindo, fruta que muita gente chama de Tamarina, vindo daí o nome Tamarineira. Fonte: https://www.pe-az.com.br/editorias/bairros-do-recife/1134-amarineira?_cf_chl_jschl_tk__=9b80a353de6bae9682cefe4f2bf6365b7fd53d14-1613507821-0-ARSHxptL3j2dAQUwA3bEv. Acesso em: 12 fev. 2021.

² Também conhecida por República Velha (1889-1930).

eleições de 1930 e decidiram pôr fim ao sistema oligárquico vigente através das armas. É importante ressaltar que após dois meses de articulações políticas nas principais capitais do país e de preparativos militares, o movimento eclodiu simultaneamente no Rio Grande do Sul e Minas Gerais, na tarde do dia 3 de outubro. Em menos de um mês, a revolução já era vitoriosa em quase todo o país, o que culminou com a renúncia do presidente Washington Luís, e pouco depois o poder foi entregue a Getúlio Vargas. (CPDOC, 2021 [s.p.]

Tal revolução teve diversas repercussões em Pernambuco, entre elas a mudança de governo; assim, Carlos de Lima Cavalcanti tornou-se interventor estadual. Conforme relata o médico e memorialista Heronides Coelho Filho (1977, p. 22), “na euforia dos primeiros dias de governo, imaginou um vasto programa de reformas e realizações progressistas para o Estado”. Com a interventoria de Cavalcanti, a área de saúde mental seria contemplada a partir de reformulações no Hospital da Tamarineira, sendo o médico Ulysses Pernambucano um dos principais responsáveis por executar essa tarefa.

Contextualizando um pouco o ambiente político e cultural vivenciado pela cidade do Recife, no período estudado, apresenta além da efervescência política um conjunto de transformações que no âmbito do modernismo urbanístico. De acordo com Rezende, nessa época houve uma tensão entre o moderno e o tradicional na cidade do Recife, momentos que eram expressos nos debates entre os intelectuais registradas pela imprensa, tempo que houve uma invasão de certas invenções e hábitos modernos, no cotidiano da cidade. (REZENDE, 2016, p. 33).

Note-se que entre os anos 20 e 30, presenciou-se no Recife um ambiente de efervescência cultural, alguns eventos ocorridos na cidade irradiavam-se por todo o Nordeste, dado que a cidade exercia posição de centro cultural da região. Entre eles, tiveram maior destaque: a arquitetura de Luiz Nunes, a formação do grupo da Revista do Norte, o movimento Ciclo do Recife, o Movimento Regionalista, de Gilberto Freyre, e a diversificação do ensino superior. No bojo desse ambiente, foram introduzidos e traduzidos os preceitos do modernismo na arquitetura e no urbanismo e, entre os dispositivos técnicos, o plano urbanístico elaborado por Nestor Figueiredo, foi o que deu mais visibilidade aos preceitos do urbanismo moderno no início da década de mil novecentos e trinta. (PONTUAL, 1999, p. 90).

Reiteramos que o rumo ao qual a pesquisa nos levou, desembocou na leitura acurada de três periódicos da capital pernambucana: *Diario de Pernambuco*, *A Província* e o *Jornal Pequeno*, assim percebemos duas matérias que tratam muito bem dessa questão de modernidade, a primeira do *Diario de Pernambuco* de 12 de agosto de 1931, que relata a

criação de um grupo encarregado para a criação de um plano urbanístico do Recife. E a segunda matéria, do *Jornal Pequeno* de 3 de janeiro de 1933, que traz uma publicação de uma carta, sem dizer a autoria, onde há uma contraposição ao que foi definido naquela reunião de 1931, mostrando a realidade dos mocambos na cidade do Recife. Foi diante dessa realidade que Ulysses Pernambucano foi escolhido pelo interventor para colocar o Hospital da Tamarineira no rumo da modernidade científica em estudos das doenças mentais.

Em relação a essa parte informamos que a imprensa trazia à tona documentos produzidos pelo próprio Hospital Psiquiátrico e discursos médicos acerca da alienação, as mais diversas representações sobre o (des) tratamento e (des) cuidados fornecidos aos enfermos mentais entre 1931 e 1935.

Cientes de que o tema da loucura é algo discutido em diversas partes do mundo, verificamos que em Pernambuco não é diferente. Por sua complexidade, este aspecto do humano em terras pernambucanas já justificaria uma análise com maior acuidade. Em relação aos seus desdobramentos no Hospital da Tamarineira, procuramos elaborar um trabalho com embasamento científico, mas com um pouco de leveza, no intuito de proporcionar ao leitor um texto acompanhado de elementos gráficos de maneira lúdica, visto que não encontramos nenhum similar que abordasse o referido hospício.

Nossos objetivos foram identificar mapear e discutir a produção de imagens e representações acerca do estabelecimento de alienados da Tamarineira, entre a emergência de um novo saber médico sobre a loucura produzido nos primeiros anos da década de trinta; mais especificamente, identificar os principais discursos médicos e os médicos locais que assumiram/inovaram o manicômio recifense, além de levantar e analisar as imagens produzidas e publicadas frente aos jornais já relacionados, com o intuito de disponibilizar as pesquisas realizadas nos referidos jornais, de forma física, através da confecção de um livro paradidático.

Para elucidarmos um pouco do nosso itinerário de pesquisa, incluindo a seleção dos periódicos, destacamos que os recortes de jornal foram selecionados pela disponibilidade de sua coleção por meio digitalizado (hemeroteca digital). Quanto ao o marco cronológico se justifica pelo início e fim da segunda gestão do médico Ulysses Pernambucano à frente do referido estabelecimento, caracterizado como um período de importantes reformas e modernizações, sobretudo em relação à atenção e tratamento dispensados aos pacientes.

Tal paradidático foi dividido em três partes. A *primeira parte* narra “Uma breve história dos loucos e da loucura”, desde a Idade Média até as primeiras décadas do século XX, ou seja, da Nau dos loucos até o desenvolvimento da medicina sobre a alienação, em plena década de 1930. A *segunda parte* tratará da representação e construção do Hospital de Alienados da Tamarineira, sem deixar de repassar os antigos e mais comuns espaços destinados aos indivíduos considerados ou diagnosticados enfermos mentais. Analisando esses espaços, chegaremos à Tamarineira e ao seu mais prestigiado diretor, o médico Ulysses Pernambucano. Na *terceira e última parte*, intitulada “O hospital de alienados a partir das páginas da imprensa pernambucana”, são analisadas as referidas imagens e representações acerca do estabelecimento em todos os seus aspectos (materiais e humanos: estrutura, equipamentos, administração, pessoal, ou enquanto espaço de produção de saber médico, etc.). Temos a impressão, tomando emprestada e ajustando ao nosso tema a ideia de Antonio Paulo Rezende, de que a história em questão também gerou um lugar inesperado, mas o que vislumbramos a partir dos documentos trabalhados foi que o próprio espaço manicomial em seu dia produziu e alimentou “utopias”, como um lugar onde seriam aplicados métodos modernos para o tratamento manicomial, e que atingiam os objetivos científicos para a cura.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Ao pesquisarmos sobre a representação social do maior Hospital de Alienados do estado de Pernambuco diante da imprensa escrita, achamos por bem realizar uma análise sistemática a partir de um apurado da história e historiografia que se ocupa dos “loucos e da loucura”; percebemos, para tanto, a importância de Michel Foucault: em um brevíssimo relato da loucura diante da sociedade, Foucault (2010, p. 9) relata a “Nau dos Loucos”, uma embarcação que viajava pela costa europeia resgatando loucos, durante a idade clássica. O primeiro hospital psiquiátrico foi construído em Valência, na Espanha, em 1409. De lá para cá, o tema “loucura” trouxe uma preocupação político-social, de forma que o Estado assumiu a gestão (em alguns momentos históricos, a Igreja fazia esse trabalho), criando formas para que o problema ficasse o mais longe possível da sociedade.

E, pensando em tal realidade no Brasil, mais precisamente no estado de Pernambuco, chegamos ao Hospital da Tamarineira, que foi criado com o propósito de dar condições dignas aos pacientes, mas enfrentou problemas que o afastou de tal intento. Nos seus mais de 180 anos, essa instituição passou por diversas gestões, cada uma com preocupações diferentes.

Foi no início da década de 1930 que o Hospital sofreu mudanças significativas, com a criação do Serviço de Assistência a Psicopatas. Ao nosso ver, o trabalho realizado por Ulysses Pernambucano foi fundamental para se criar representações da Tamarineira na imprensa, mais precisamente como a imprensa escrita mostrava tal instituição, sem nos preocupar em saber se o que os jornais noticiavam eram ou não verdade.

Diante das notícias dos periódicos, percebemos que, em algumas linhas jornalísticas, buscava-se um viés político com tendência partidária, como era o caso do *Diário de Pernambuco*, que em algumas reportagens se preocupava em tecer críticas ao interventor Carlos de Lima Cavalcanti e, ao mesmo tempo, demonstrava simpatia ao médico Ulysses Pernambucano, tendo em vista a sua importância frente ao movimento encarregado ao tratamento aos psicopatas.

Encontramos pouquíssimas notícias relacionadas propriamente à saúde mental em seus métodos terapêuticos, mas o importante é que quase sempre tratavam do funcionamento do Hospital da Tamarineira. São essas reportagens que nos ajudam a analisar as imagens e representações do estabelecimento, serviços prestados e de seus funcionários e gestores. Os periódicos *Jornal Pequeno* e *A Província*, embora não apresentassem uma conotação partidária tão clara, colaboraram para produzir imagens positivas do Serviço de Assistência aos Psicopatas, assim como do médico psiquiátrico diretor do Hospital da Tamarineira.

Os jornais analisados auxiliaram a produzir uma imagem de Ulysses associada ao Hospital da Tamarineira, e desta, ao menos durante o período em tela, ao do professor Pernambucano. A sua posição somada à algumas ações da imprensa, projetadas e construídas em boa parte através de uma cobertura simpática por parte dos periódicos pernambucanos, marcaram sem dúvida nenhuma a memória da comunidade médica e da sociedade como um todo. O trabalho, pelo que parece, não ficou restrito apenas ao “formigueiro”.

A propósito, sobre as matérias de jornais, observamos que Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto alertam que: “[...] na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da imprensa hoje está cada vez mais generalizada. ” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254). Os historiadores passaram a querer saber como são os lugares de onde falam os autores dos documentos, seus interesses, intenções, estratégias e técnicas, e a imprensa se mostrou como um campo fértil para esse tipo de pesquisa.

Tânia Regina de Luca (2005, p.123) fala sobre a importância de se analisar os discursos de jornais para a compreensão da paisagem urbana e das representações e idealizações sociais. Nota-se que as notícias podem se configurar como meio de transmissão de conhecimento para se apreender o caráter multifacetário de uma cidade, de diversos grupos sociais. É sob o norte de Luca que procuraremos analisar o que era noticiado nos jornais.

Ao final dos anos 1920, o Hospital da Tamarineira enfrentava uma situação precária. Talvez a dificuldade mais perceptível fosse a superlotação, o que chamou a atenção das autoridades. Assim, o interventor estadual Carlos de Lima Cavalcanti³ resolveu convocar o psiquiatra Ulysses Pernambucano⁴ para, mais uma vez, dirigir a instituição (sua primeira passagem ocorreu entre os anos de 1924 e 1926). Diante de tal encargo, o médico psiquiatra organizou o Serviço de Assistência a Psicopatas, oficializado em 1º de Janeiro de 1931 pelo Decreto de nº 26, transcrito pelo *Diario de Pernambuco*⁵:

O Sr. Interventor Federal baixou ontem o seguinte decreto:

O Interventor Federal no Estado, considerando a necessidade de melhorar os serviços de Assistência aos doentes mentais, considerando que essa assistência só compreende atualmente os alienados com exclusão dos demais psicopatas cujas desordens não podem ser curadas internamente em hospital fechado; [...] Decreta: Art. 1º – Subordinado a Secretária da Justiça, fica criado serviço de assistência a psicopatas. Art. 2º - A Assistência a Psicopatas compreenderá: I - Serviços para doentes mentais não alienados: a) ambulatório; b) serviço aberto. II - Serviços para doentes mentais alienados: a) hospital para doenças agudas; b) Colônia para doentes crônicos. III – Manicômio judiciário. IV – Serviço de higiene mental: a) serviço de prevenção das doenças mentais; b) Instituto de Psicologia. [...] (DIARIO DE PERNAMBUCO, 11/01/1931, p. 3).

O *Diario de Pernambuco*⁶ preocupou-se apenas em transcrever o Decreto nº 26, fazendo as vezes do *Diário do Estado*, talvez pelo fato do interventor ter travado polêmicas

³ Carlos de Lima Cavalcanti (1892 -1967) teve seu primeiro mandato à frente da administração estadual em 1930, quando nomeado pelo então presidente da República Getúlio Vargas, interventor federal em Pernambuco. Em abril de 1935, elegeu-se governador constitucional de Pernambuco em eleição indireta promovida pelos deputados estaduais constituintes. Em novembro de 1937, após a decretação do Estado Novo, foi imediatamente afastado do governo pernambucano. Fonte: <https://www.pe.gov.br/governo/galeria-de-governadores/carlos-de-lima-cavalcanti/>. Acesso em: 07 mar. 2021.

⁴ Ulysses Pernambucano (1892-1943).“Em 1917, foi nomeado para o Hospital da Tamarineira[...] Ao se tornar diretor, em 1924, consegue aprovação de lei pela qual o Estado passou a assumir integralmente a administração do Hospital. Foi idealizador da reforma da Assistência a Psicopatas no Estado de Pernambuco, criando, entre outros serviços, ambulatórios, hospital aberto, um serviço de higiene mental[...]. (ROCHA, 2003, p. 84).

⁵ *Diario de Pernambuco* (DP): Jornal pernambucano diário fundado como folha de anúncios a 7 de novembro de 1825, em Recife. É hoje o mais antigo jornal em circulação na América Latina. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco>. Acesso em: 28 fev. 2021.

⁶ Cavalcanti fundou, no Recife, o *Diário da Manhã* e, logo depois, o *Diário da Tarde*. Em seu governo, travou intensas polêmicas com os jornais locais que lhe faziam oposição, em particular o *Diario de Pernambuco*, adquirido a partir de meados de 1931 por Assis Chateaubriand.

com o referido periódico durante o curso do seu governo. A norma que regulamentou tal decreto foi publicada no dia 24 de abril de 1931. Na notícia, pode-se ter a noção da composição e funcionamento do Serviço de Assistência a Psicopatas e, posteriormente, como destaca a historiadora Edyna Rocha (2003, p. 49), o Serviço de Higiene Mental, para pesquisar e proteger predispostos a psicopatias iniciais.

Levando em consideração que há uma estreita relação ente o Hospital da Tamarineira e a vinculação com o tema da “loucura”, recorremos à historiadora Tarcila Santos Garcia, que nos informa que a imprensa é um terreno onde podemos identificar um marco forte da representação social, e, no caso, da loucura, é um local onde apresenta réplicas culturais de seu público leitor e onde as representações são forçadas, compartilhadas e expostas conforme, também, operem-se mudanças em qualquer aspecto que se constitua tal representação.

Em relação às representações, é interessante observar o que Roger Chartier nos aponta:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p. 17)

A seguir, veremos demonstrações de como está o andamento das pesquisas em recortes de jornal:

O *Jornal Pequeno*⁷ deu voz ao Dr. Ulysses Pernambucano ao noticiar o que o Hospital, único local da cidade em que os alienados podiam recorrer, “estava há muito com sua lotação excedida” – relato do referido médico em uma reunião comemorativa do primeiro aniversário de “Assistência aos Psicopatas.” (JORNAL PEQUENO, 17/05/1932, p. 1).

O Hospital da Tamarineira teria, então, um modelo de assistência que rompia frontalmente com a tradição custodial, que concedia primazia ao hospital, conferindo prioridade às atividades preventivas e comunitárias, baseadas numa integração

Fonte: <http://www.acervocepe.com.br/uploads/2018/09/19/5ba28e92c0765.book-almanaque.pdf>. Acesso em : 03 mar. 2021.

⁷ *Jornal Pequeno*: vespertino, começou a circular a 24 de julho de 1899. Diretores: Hersílio de Sousa, Júlio Falcão e Paulo de Arruda – atualmente fora de circulação. Nascimento (1966, p. 374).

multidisciplinar. Com essas mudanças, surgia o primeiro serviço aberto autônomo criado no Brasil.

É bom trazer à lembrança que a Tamarineira estava passando por problemas estruturais, como a superlotação, além de grandes problemas financeiros. Fato esse lembrado em nota publicada por *A Província*⁸:

O Hospital de Alienados [Tamarineira], o único recurso para o qual podiam apelar, esses doentes, estava de há muito com sua lotação excedida. Era preciso encontrar uma urgente solução para o problema da super população do Hospital. Na mesma linha a reforma preveu a criação de uma nova colônia de alienados que em novembro foi inaugurada. O que ela é, o que lá se está fazendo no capítulo da terapêutica pelo trabalho melhor dirá o seu esforçado diretor dr. Vicente de Matto. O que posso assegurar é que Pernambuco tem agora em Barreiros⁹ um estabelecimento de assistência digno por todos os títulos de ser visto e estudado [...] (A PROVÍNCIA, 17/05/1932, p. 1).

A notícia traz um resumo do que foi feito no primeiro ano da criação do Serviço de Assistência a Psicopatas de Pernambuco, relatando a situação em que se encontrava o Hospital de alienados, bem como o que já fora realizado no ano de sua criação. É bom ressaltar, mais uma vez, a importância da figura do Dr. Ulysses Pernambucano para o êxito do empreendimento, tanto que o periódico se preocupou em descrever todo o discurso do médico, demonstrando a credibilidade perante a imprensa pernambucana.

Sobre a representação da “assistência aos pacientes”, temos mais um exemplo de construção pela imprensa, a partir de reportagem concedida por Gildo Netto, diretor do Serviço Aberto, da Assistência aos Psicopatas do Estado de Pernambuco:

O Serviço Aberto, inicia o dr. Gildo Netto, destina-se ao tratamento dos pequenos psicopatas, entre os quais se incluem os paranoicos, os mitomaníacos, os débeis morais, os neurastênicos, etc, indivíduos que bem que não sejam psiquicamente normais não são propriamente alienados. [...] é que os doentes que frequentam o ambulatório não necessitam, em geral, de internamento; ao contrário, os pequenos mentais precisam continuar a viver no meio social e familiar onde os estímulos exteriores, as novas situações a que terão que aplicar à sua inteligência. São fatores favoráveis à saúde psíquica. Só se internam os que necessitam se submeter a tratamentos especializados tais como a malarioterapia, a piroterapia, abscessos de fixação, e, mesmo em alguns casos a psicoterapia. (JORNAL PEQUENO, 01/06/1935, p. 1).

⁸ *A Província*: jornal pernambucano. Começou a circular no dia 6 de setembro de 1872. Fundado por José Mariano, tinha cunho abolicionista – atualmente fora de circulação Disponível em: <https://observatoriodaimpressalocal.wordpress.com/tag/jornal-a-provincia>. Acesso: 28 fev. 2021.

⁹ O Hospital de Barreiros, também denominado de Colônia de Barreiros, que funcionava no antigo prédio da Escola de Agricultura da cidade de Barreiros-PE, servia como desafogo ao Hospital da Tamarineira, pois lá foi instalado o serviço aberto, que utilizava diversos procedimentos terapêuticos, e para lá foram transferidos os pacientes crônicos do sexo masculino.

Apesar da importância de colaboradores como Gildo Netto, a imagem do Hospital de Alienados era na maioria das vezes ligada ao seu Diretor Geral, Ulysses Pernambucano, tendo em vista que os elogios eram direcionados às realizações do médico, enquanto que as críticas ficavam para o interventor estadual. Podemos denotar isso no artigo publicado pelo *Diario de Pernambuco*:

O desenvolvimento da assistência aos psicopatas, devido a ação inteligente do prof. Ulysses Pernambucano, que procurou destarte aproveitar os edifícios da escola de Agronomia de Barreiros, mandada fechar pelo governo revolucionário, e abandonado e sem utilidade, foi, de fato, uma boa iniciativa, que poderia e deveria ser destacada; mas sem procurar desdenhar o que de bom fizera os outros. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 17/08/1933, p. 3).

Além da dita “loucura”, as questões administrativas vinham à tona pela imprensa. Podia-se perceber numa mesma reportagem elogios ao hospício combinados com críticas ao interventor:

A entrevista que o sr. Interventor Federal concedeu aos nossos confrades do O Globo, do Rio, sobre os serviços da assistência social nesse Estado, estão exigindo, a bem da verdade, uma ratificação oportuna. Não podemos deixar de estranhar que o Senhor Interventor Federal, com a responsabilidade do seu nome, insista em veicular sobre a sua administração informações que se não compadecem com a realidade dos fatos. Em bem lamentável postura ficou há pouco a palavra oficial, quando transmitiu aos nossos confrades do A Nação a sua célebre frase de que o governo revolucionário fizera entre nós em dois anos e meio mais do que as outras administrações em 40. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 17/08/1933, p. 3).

O periódico, por sua vez, contra argumentando, relata as realizações de outras gestões administrativas no Hospital de Alienados, além de superestimar a atuação do Dr. Ulysses Pernambucano.

Afora o caráter partidário das notícias, nos chamou a atenção, uma publicação do *Diario de Pernambuco* de 20 de setembro de 1931, onde a temática científica aparecia com destaque, principalmente em relação a necessidade do tratamento profilático das moléstias mentais. Essas eram vistas como um dos grandes problemas sociais enfrentado pelo Estado, conforme as descrições apontadas em entrevista pelo médico Costa Pinto, diretor do novo serviço de higiene mental do Hospital da Tamarineira:

As finalidades do Serviço de Higiene Mental

Naturalmente, não cabe no estreito âmbito desta palestra a enumeração exata de tudo que pretendemos fazer em prol desta cruzada médico-social em que nos achamos empenhado, em cooperação à obra magnífica que Ulysses Pernambucano vai realizar no Serviço de Assistência aos Psicopatas. Posso, porém, dizer-lhe que estamos dispostos a trabalhar com afinco e sem desfalecimentos, tão possuídos nos sentimentos da convicção de que a vitória do serviço de higiene mental importa precipuamente as próprias bases em que assenta a sociedade pernambucana. [...]

O alarmante aumento das moléstias mentais em Pernambuco nos últimos dez anos

É isso infelizmente o que ocorre, urge medidas enérgicas e imediatas. Em questões dessa ordem, os números são tudo. Nestes dez últimos anos, em sempre aumentando o número de alienados recolhidos ao nosso Hospital da Tamarineira. [...]

O Serviço de Higiene Mental de Pernambuco é o único instituto oficial de todo o Brasil

Serviços dessa natureza já existem no Brasil, mas sem cunho oficial, mantidos por associações privadas como as Ligas de Higiene Mental do Rio e de São Paulo. Mas, o de Pernambuco é o primeiro que em nosso país surge como instituto oficial. E porque não dizê-lo? - está destinado a ser, pela sua organização, o primeiro da América do Sul. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 20/09/1931, p. 1; 16).

Conforme o médico Jurandir Freire Costa (2006, p. 77) a temática relativa à higiene mental, foi bastante discutida durante a década de 1930, sob a vigilância das elites culturais, procurou-se desenvolver modelos que amparasse o cidadão de forma a uma coerente atuação no meio social, daí a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental órgão central inspirador para a criação das ligas estatais do país.

Jean-François Sirinelli, citado por Tania de Luca (2005, p. 140), afirma que tanto a revista como o jornal constituem-se num lugar em que há uma fermentação intelectual e um relacionamento afetivo, e sobretudo um importante espaço de sociabilidade. A questão de sociabilidade em que se relacionava o Hospital de Alienados com os agentes envolvidos também era retratada nos periódicos pesquisados. O *Diario de Pernambuco* trouxe essa relação pessoal:

O NATAL DOS ALIENADOS - Os médicos e demais funcionários da Assistência a Psicopatas e respectivas famílias reuniram-se ontem à tarde na diretoria geral da referida assistência para deliberar sobre o melhor meio de proporcionar aos doentes mentais um natal alegre. Ficaram constituídas duas comissões centrais compostas: a primeira das excelentíssimas srs. Ulysses Pernambucano, Alcides Codeceira, Arsenio Tavares e senhoritas Anita Pereira da Costa, Helena Campos e Anita Paes Barreto e a segunda dos drs. Adalberto de Cavalcanti, Gildo Neto, Rui do Rego Barros, Samuel Campelo e acadêmicos José Carlos e Estenio de Sá. Essas comissões se encarregarão de acordo com as religiosas do Hospital de Alienados, de angariar brindes, doces, cigarros, etc.... para presentear os doentes na data festiva que se aproxima. Os corações generosos que quiserem concorrer para essa iniciativa poderão enviar quaisquer donativos em dinheiro ou gêneros para o Hospital de Alienados ou para a diretoria geral a rua da Aurora nº 363 1º andar. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 18/12/1931, p. 33).

A notícia procurava representar o relacionamento entre os envolvidos na administração do Hospital para com os pacientes e familiares, mostrando assim a preocupação com a ressocialização dos alienados, inclusive incentivando a participação popular. Em nosso

entendimento, o próprio título se vale da época natalina como chamativo para uma confraternização.

A linguagem, ora trabalhada por jornalistas ora conduzida por Ulysses em seus discursos que estampavam as páginas dos jornais, carregadas de conceitos e metáforas em torno do Hospital da Tamarineira, são de suma importância para se entender como se vinham à tona os retratos da Tamarineira. Conforme Miguel Ángel Cabrera,

el lenguaje no se limita a transmitir el pensamiento o a reflejar los significados del contexto social, sino que participa en la constitución de ambos. [...] la única manera de superar las insuficiencias explicativas del esquema dicotómico es dejar de concebir al lenguaje sólo como vocabulario y comenzar a tratarlo también como un patrón de significados que toma parte activa en la constitución de los objetos de los que habla y de los sujetos que lo encarnan y lo traducen en acción (CABRERA, 2001, p. 56).

Logo o que se extraiu das fontes trabalhadas, foi observar como se dava a construção do que, tanto Ulysses quanto o Hospital da Tamarineira, representavam na realidade social da época trabalhado pelo recorte cronológico estudado. Tais fontes ajudaram a criar uma espécie de “mito” sobre Ulysses Pernambucano, ou seja, de que tal personagem constituía-se numa sumidade no conhecimento científico no tratamento a loucura, como também colaborou no estabelecimento de um discurso sintonizado com a lógica da modernidade no tratamento psiquiátrico aplicado ao Hospital da Tamarineira.

Demonstrando um pouco mais de como se deu o itinerário da pesquisa, friso que, para dar conta da seara metodológica assim que me predispos a fazer pesquisas direcionadas a apurar trabalhos que tratavam do tema da loucura e, especialmente, sobre o Hospital da Tamarineira, percebi que não seria muito fácil, pois não eram muitos. Mas, mesmo assim, procuramos coligi um conjunto de trabalhos que discutiam as questões referentes à relação entre história, loucura e instituições. Encontrei, dentre outros, dissertações e artigos, que colaboraram para o amadurecimento da pesquisa e escrita do livro norteando assim o nosso estudo.

Meu orientador, o Prof. Dr. Tiago Cesar, havia me dado algumas instruções também, dentre elas, procurar o professor da Universidade Federal de Pernambuco Carlos Alberto Cunha de Miranda, que desenvolve pesquisas relativas ao Hospital da Tamarineira. Após consultar o Dr. Miranda, obtive dicas de onde poderia encontrar referências sobre o tema pesquisado. Reforço que ambos os professores enfatizaram que as fontes iriam colaborar para que o nosso caminho no processo de pesquisa ajudasse na feitura do livro paradigmático.

Em decorrência da pandemia que assola este país, a Fundação Joaquim Nabuco permaneceu fechada durante algum tempo, só abrindo aos poucos e, mesmo assim, com agendamentos. Devido à procura pelo espaço, os agendamentos eram difíceis e só podia ir a um local da instituição. Acontece que, na visita que fiz, só encontrei vaga para o setor de pesquisas no dia vinte e um de janeiro do corrente ano. Como “marinheiro de primeira viagem”, achava eu que iria pesquisar tudo sobre o Hospital da Tamarineira, mas, para minha surpresa, aquele setor era apenas para pesquisas de textos; para fazer pesquisa de imagens, teria que agendar novamente para outro setor.

Fiz as minhas pesquisas de textos e tentei marcar outro agendamento para o setor de iconografia, mas fui informado pelo funcionário de nome Fabian que, devido aumento de casos de Covid-19, a FUNDAJ estava novamente sem receber pesquisadores, mas Fabian me mandou via email o link de fotos da cidade do Recife. Com o *link* em mãos, fui pesquisar as fotos que me interessariam para o trabalho. Infelizmente não consegui muitas fotos do Hospital da Tamarineira naquele *link*.

Enfim, boa parte da pesquisa foi realizada através do site da Biblioteca Nacional, pela Hemeroteca Digital, por meio de palavras-chaves, e foram elas: “Dr. Ulysses Pernambucano” e “Hospital da Tamarineira”. O *Diario de Pernambuco* conteve os 5 anos pesquisados nas duas palavras-chaves, exceto o ano de 1935, contido na palavra-chave “Hospital da Tamarineira”; O *Jornal Pequeno* conteve os 5 anos pesquisados na palavra-chave “Dr. Ulysses Pernambucano”, já o Hospital da Tamarineira conteve apenas os anos de 1931 e 1932; A *Província* contém apenas o ano de 1932 na palavra-chave “Dr. Ulysses Pernambucano” (a Hemeroteca Digital dispõe dos anos 1920-1933).

Reiteramos a ajuda de alguns teóricos nesse processo, a saber: os já citados Michel Foucault, com sua obra *História da Loucura*, e Tânia de Luca, com seus trabalhos que envolvem estudos da imprensa e seus periódicos, além de alguns apontamentos de Arlete Farge. Aqui é importante trazer um ponto que me chamou a atenção nas buscas por estudos sobre o Hospital da Tamarineira. Apesar de não ser historiador, e sim memorialista, Heronides Coelho Filho, com sua obra *A Psiquiatria no País do Açúcar*, nos dá muitos relatos históricos sobre o tratamento que fora dado aos loucos no início da existência desses estabelecimentos aqui em Pernambuco.

Também realizei leituras de livros, como *História da Loucura: na idade clássica*, de Michel Foucault, que me deu elementos para trazer ao meu trabalho reflexões sobre a loucura na Europa e alguns de seus tratamentos; Antonio Paulo Rezende, com *(DES)encantos*

Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte, que trouxe para o meu conhecimento visões mais amplas sobre a modernidade nas suas primeiras décadas do século passado; Othon Bastos, com *História da Psiquiatria em Pernambuco e outras Histórias*, nos mostrou parte da chegada da psiquiatria na região; Jurandir Freire Costa, com *História da Psiquiatria no Brasil*, elucidando-me sobre a criação da Liga Brasileira de higiene mental. Também fiz uso de literatura, com a leitura da obra de Cleto Pontes, *Hospital Psiquiátrico*, que traz um estudo sobre as obras de Machado de Assis (*O Alienista*) e Lima Barreto (*O cemitério dos vivos*).

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

Houve um crescimento da demanda para os materiais paradidáticos voltados ao ensino com o objetivo de dar suporte ao uso do livro didático, como fascículos, revistas, textos literários, livros temáticos. Fonseca afirma que muitos dos materiais paradidáticos tornaram-se um novo campo para publicações de trabalhos acadêmicos, tendo a autora incluído esses materiais de diferentes tipos e enfoques, no movimento de renovação pelo qual passou o ensino de História na década de 1980, que foi acompanhado pelas novidades que apontavam no mercado editorial. (FONSECA, 2003, p. 54 apud THOMSON, 2016, p. 30).

Passadas as décadas percebemos que há uma lacuna ainda na produção de paradidáticos voltados para uma reflexão histórica. Daí definimos que um livro paradidático seria um recurso oportuno para falarmos de maneira mais verticalizada e lúdica sobre um tema inquietante, como as nuances de um hospital psiquiátrico. Esse formato trouxe a possibilidade de fazermos indicações que contemplassem também a leitura de obras literárias, como filmes, visando o leitor que queira se aprofundar sobre a temática.

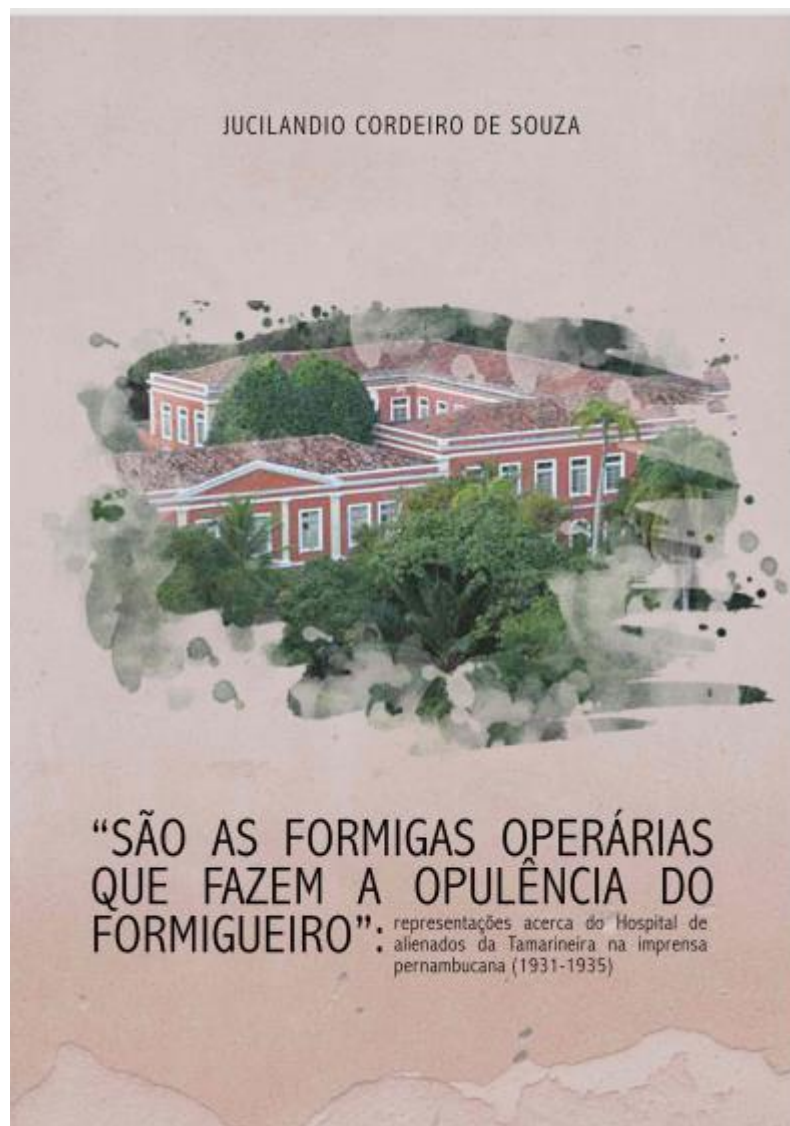
Nosso público-alvo é preferencialmente alunos graduandos de História, contudo, acreditamos que o trabalho poderá beneficiar um público mais amplo, que tenha interesse no período do nosso recorte temporal bem como na temática da loucura em Pernambuco e em outros lugares do mundo.

O formato foi sendo delineado à medida que avançamos na pesquisa, porém a escolha final foi por percebermos uma lacuna de um produto similar a este tratando do Hospital da Tamarineira.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

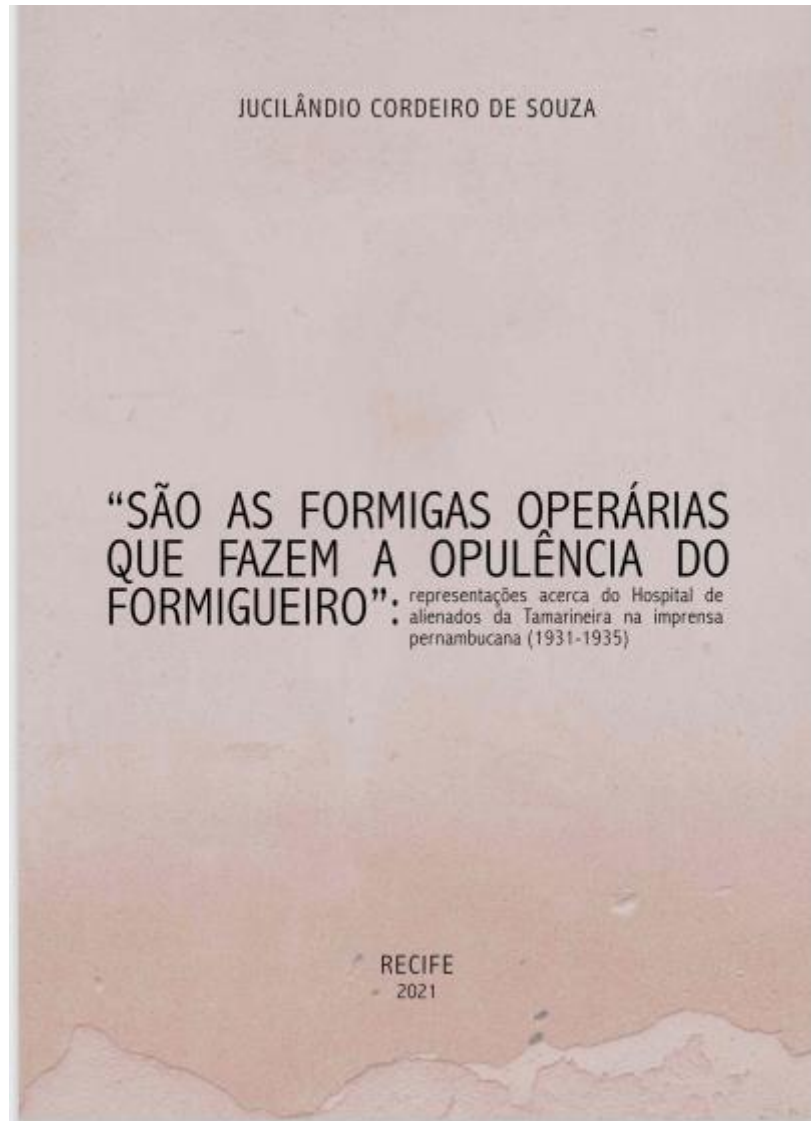
O produto apresentado é do gênero livro paradidático sobre as imagens e representações do hospital da Tamarineira, na imprensa pernambucana, na modalidade digital, elaborado com o auxílio de uma designer gráfica. A seguir, algumas figuras em “miniaturas” indicando a parte gráfica do produto:

Imagem nº 1– Capa



Fonte: Acervo pessoal/ Designer: Dan Gonçalves, 2021.

Imagem nº 2– Folha de rosto



Fonte: Acervo pessoal/ Designer: Dan Gonçalves, 2021.

Imagem nº 3 – Sumário

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO.....	05
PARTE 1	
UMA BREVE HISTÓRIA DOS LOUCOS E DA LOUCURA	10
1.1 - A loucura em países do exterior	11
1.2 - A loucura no Brasil	15
PARTE 2	
O NASCIMENTO DO HOSPITAL DE ALIENADOS DA TAMARINEIRA	20
PARTE 3	
O HOSPITAL DE ALIENADOS A PARTIR DAS PÁGINAS DA IMPRENSA PERNAMBUCANA	26
3.1 – Consideração acerca da utilização de matérias jornalísticas.....	27
3.2 – O Hospital da Tamarineira noticiado	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
GLOSSÁRIO.....	47
DICAS DE LEITURAS E FILMES.....	48
REFERÊNCIAS.....	51
Fontes	51
Bibliografia	52

Fonte: Acervo pessoal/ Designer: Dan Gonçalves, 2021.

Imagem nº 4 – Parte 1



Fonte: Acervo pessoal/ Designer: Dan Gonçalves, 2021.

Imagem nº 5- “Pinel”(Hospital Pedro II)

castigos corporais, os médicos advogavam a necessidade de um asilo higiênico e arejado, no qual os loucos pudessem ser tratados segundo os princípios da tratamentos moral. (COSTA, 2006, p. 33).

No ano de 1841, quando da maioridade de D. Pedro II, o Conselho do Império, conjuntamente com a provedoria da Santa Casa de Misericórdia da província do Rio de Janeiro, decidiu construir o primeiro hospital psiquiátrico do país. A inauguração foi em 1852, com 140 pacientes, e denominado de Hospital Pedro II, na antiga praia da Saadade, hoje Praia Vermelha. (PONTES, 2010, p. 32). Juliano Moreira informa que no dia oito de dezembro começou a funcionar o Hospício com 114 alienados, sendo 74 homens e 70 mulheres, uns vindos da enfermaria provisória da Praia Vermelha e outros do hospital da Misericórdia. (MOREIRA, 1905, p. 7).

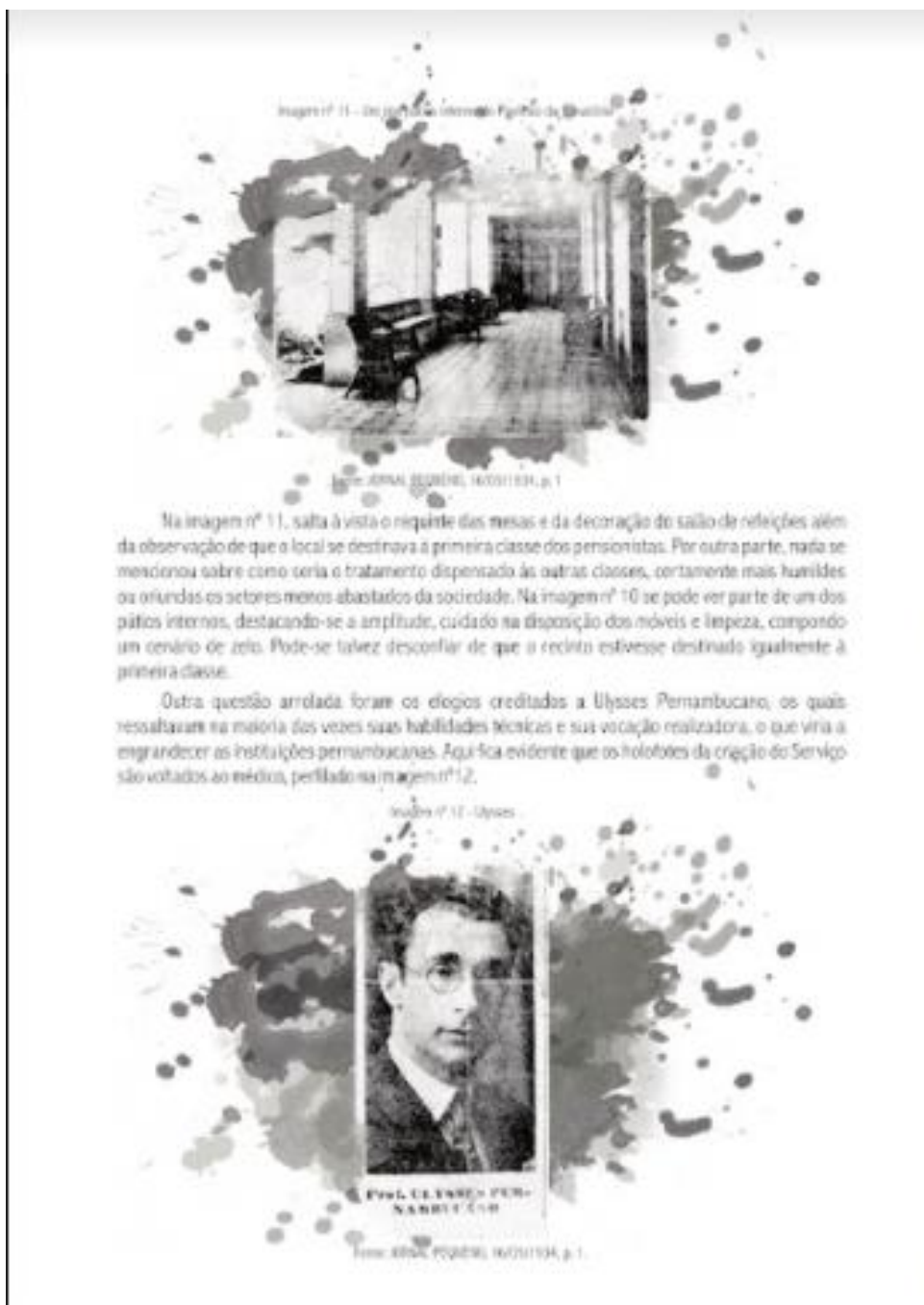
Era um verdadeiro cartão postal, vindo por terra ou por mar, tinha uma elegância imponente. Com a proclamação da república, o seu prestígio foi declinando, os republicanos tinham outros interesses. O Hospício Pedro II foi apelidado pela sociedade de Pinel, em referência ao médico francês Philippe Pinel. (PONTES, 2010, p. 32).

O fato do apelido do hospital como “Pinel” já demonstrava um apego aos traços da monarquia. Em 1890, após a proclamação da República, o Hospital Pedro II passa a se chamar Hospital Nacional dos Alienados, sendo separado da Administração da Santa Casa de Misericórdia para ficar sob a administração do Estado.



Fonte: Acervo pessoal/ Designer: Dan Gonçalves, 2021.

Imagem nº 6 – Interior da Tamarineira e Ulysses



Fonte: Acervo pessoal/ Designer: Dan Gonçalves, 2021.

Imagem nº 7– Dicas de leitura e filmes



O ALIENISTA
MACHADO DE ASSIS

O ALIENISTA

Machado de Assis, neste conto, propõe a seguinte pergunta: quem é louco? Começa a história do médico Sísão Bacamarte, dedicado e estudioso da mente humana, que decide construir um hospital para tratar os doentes mentais na pequena cidade de Itaguaí a casa verde. Quem entra e quem fica de fora? Surpreenda-se com o final.

Fonte: <https://www.orandacultural.com.br/produto/o-alienista-17418>

Este trabalho da literatura brasileira também foi adaptado para a televisão:



Fonte: <http://www.lalyn.com.br/alienista.html>



BICHO DE SETE CABEÇAS

BICHO DE SETE CABEÇAS

Dirigido por Luiz Bodinley
Elenco: Rodrigo Santoro, Otton Bastos, Cássia Kiss, Bárbara Prata, Caio Galvão, Luis Miranda, Sora Cinik, Valéria Azeiteiro, Abail Lima, Lívia Dias, Marina Gebara.
Lançamento: 2009
Produção: Brazil

SINOPSE:
Em 'Bicho de Sete Cabeças', Seu Wilson (Otton Bastos) e seu filho Neto (Rodrigo Santoro) possuem um relacionamento difícil, com um vazio entre eles aumentando cada vez mais. Seu Wilson despreza o mundo de Neto e este não suporta a presença do pai. A tensão entre os dois atinge seu limite e Neto é enviado para um sanatório, onde terá que suportar os apuros de um sistema que lentamente dobra suas costas.

Fonte: <http://www.abraacriema.com/filmes/Bicho-de-Sete-Cabeças/>

Quanto às cores por indicação da designer, a inspiração vem das paredes do prédio, onde funciona o Hospital da Tamarineira, na sua cor e revestimento. As imagens ficaram com uma tonalidade preta e branca, com uma moldura de pincelada de aquarela, que é uma atividade artística também considerada terapêutica.

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

Além de constar no repositório da Universidade Católica de Pernambuco, o livro paradidático será ofertado a portais de bibliotecas, em sites de cultura – a exemplo de <http://www.biblioteca.pe.gov.br/> e <http://www.cultura.pe.gov.br/> –, bem como para o banco de dados do Hospital da Tamarineira.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ingressar no mestrado profissional da UNICAP, além de outras etapas, foi preciso apresentar um projeto para um produto final de conclusão. E o meu projeto foi um estudo sobre a atuação dos evangélicos no Presídio Aníbal Bruno, situado na região metropolitana do Recife. Mas no decorrer do ano letivo de 2019, em uma conversa despreziosa com minha esposa, a mesma vendo minha dificuldade em dar andamento à consecução do referido projeto, me indagou se o tema sobre o Hospital da Tamarineira não seria mais instigante, talvez pelo fato dela ter formação superiora na área de saúde veio com tal ideia.

Mesmo não me imaginando trabalhar sobre o tema “saúde mental”, aceitei a dica e o desafio. Diante da nova indicação para o projeto de mestrado, fui conversar com o Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar, meu orientador, tendo o mesmo já me dando as primeiras dicas para iniciarmos a feitura do referido projeto. A princípio quando resolvi fazê-lo, achava que iria entrar em contato com o mundo da terapia psiquiátrica, mas aprendi nas cadeiras da universidade, através dos ensinamentos dos professores, que são as fontes que nos guiam pelos caminhos da pesquisa, e elas me direcionaram para um viés de política pública. E foi o que percebi justamente quando em contato com os estudos das representações tiradas dos jornais pesquisados.

O ano de 2019, foi de aprendizagem em sala de aula, foi onde tive os primeiros contatos com as teorias historiográficas, haja vista que minha formação é de Direito. Foi neste que adquiri conhecimentos para que pudesse desenvolver o meu projeto de mestrado.

Enquanto que o ano de 2019 foi o ano de adquirir conhecimentos, o ano de 2020 foi para adquirir formas de conviver, viver e sobreviver, frente à pandemia que assombrou o mundo por completo.

Dificuldades foram aparecendo, mas é nelas que o historiador aprende a criar saídas para chegarmos ao alvo. E eu tinha um, que era escrever sobre as representações acerca do Hospital de Alienados da Tamarineira na imprensa pernambucana.

Segundo as dicas do meu orientador, obtive uma aliada de suma importância para a consecução do meu projeto, a *internet*. Ferramenta de grande valor em momentos de isolamento social, pelo qual tivemos que passar para o enfrentamento dessa terrível pandemia.

Como meu projeto foi sobre representações advindas de jornais, me pus a usar e abusar do site da Hemeroteca Digital, não obstante, em meados do ano corrente, visitei a Fundaj, para fazer uma busca por imagens que pudesse usar no meu produto.

Com as articulações e objetivos definidos, nos pusemos a confeccionar o produto final, que se transformou num livro paradigmático.

Tal livro foi dividido em três partes: a primeira parte, trouxemos um apanhado de como a loucura e os loucos eram vistos e (des)tratados na história da humanidade tanto pelo mundo quanto pelo Brasil. A segunda parte, tratamos também de forma breve, o surgimento do Hospital da Tamarineira.

Já na terceira e última parte, tratamos sobre as representações do Hospital de alienados da Tamarineira na imprensa pernambucana, mais precisamente, frente aos jornais Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno e a Província. Procuramos transformar essa parte na “cereja do bolo” do produto. Mostramos representações formadas nas linhas e entrelinhas das notícias dos periódicos pesquisados, sem nos preocupar com a veracidade apresentada nos noticiários. Com o início das pesquisas, percebemos que as fontes nos levaram a notar que parte das notícias eram de cunho político, talvez pelo momento político vivido à época e que a figura do Hospital de Alienados era sempre ligada com a figura do médico Ulysses Pernambucano, mais pela importância dele no mundo científico. Mas tentamos diversificar com notícias sociais também, como foi a do Natal dos Alienados, que o Diário de Pernambuco noticiou.

Enfim, fizemos um apurado de notícias que demonstrassem qual a representação apresentada pelos jornais.

O que percebemos da extração das fontes trabalhadas, foi que se uma espécie de “mito” sobre Ulysses Pernambucano, ou seja, de que era uma sumidade no conhecimento científico no tratamento a loucura, como também ajudou a criar um discurso de modernidade no tratamento psiquiátrico aplicado ao Hospital da Tamarineira. Talvez por isso que as figuras dos dois se completam. Talvez essa construção de um mito, no caso do médico tenha acontecido pelo fato dele ser próximo de membros da açucarocracia que comandava os espaços da imprensa.

Diante das pesquisas realizadas acredito que foi possível conseguir mapear e discutir a produção de imagens e representações sobre o Hospital de Alienados da Tamarineira, ante a emergência de um novo saber médico sobre a loucura produzido nos primeiros anos da década de trinta. Como também identifiquei os principais discursos médicos assumidos frente ao manicômio recifense, além de levantar e analisar as imagens produzidas e publicadas nos periódicos objetos de pesquisas.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

- **7.1 - Sites e Blogs**

www.villadigital.fundaj.gov

www.memoria.bn.br

www.geledes.org.br/juliano-moreira/

www.ecifeesquecido.blogspot.com/2014/12/

- **7.2 Jornais**

A PROVINCIA: Órgão do Partido Liberal. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 11 jan 2021.

DIARIO DE PERNAMBUCO: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

JORNAL PEQUENO: Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 20 de jan de 2021.

Notícias do A Província

- Ano LXI. Edição nº 13, 19 de março de 1932.
Ano LXI. Edição nº 16, 22 de março de 1932.
Ano LXI. Edição nº 35, 15 de abril de 1932.
Ano LXI. Edição nº 36, 16 de abril de 1932.
Ano LXI. Edição nº 61, 17 de maio de 1932.
Ano LXI. Edição nº 64, 20 de maio de 1932.
Ano LXI. Edição nº 84, 15 de junho de 1932.
Ano LXI. Edição nº 98, 3 de junho de 1932.
Ano LXI. Edição nº 105, 12 de julho de 1932.

Notícias do Diarrio de Pernambuco

- Ano 106. Edição nº 3, 4 de janeiro de 1931.
Ano 106. Edição nº 9, 13 de janeiro de 1931.
Ano 106. Edição nº 8, 11 de janeiro de 1931
Ano 106. Edição nº 30, 6 de fevereiro de 1931.
Ano 106. Edição nº 43, 22 de fevereiro de 1931.
Ano 106. Edição nº 45, 25 de fevereiro de 1931.
Ano 106. Edição nº 63, 18 de março de 1931.
Ano 106. Edição nº 83, 13 de abril de 1931.
Ano 106. Edição nº 87, 17 de abril de 1931.
Ano 106. Edição nº 89, 19 de abril de 1931.
Ano 106. Edição nº 95, 26 de abril de 1931.
Ano 106. Edição nº 107, 12 de maio de 1931.
Ano 106. Edição nº 112, 19 de maio de 1931.
Ano 106. Edição nº 116, 23 de maio de 1931.
Ano 106. Edição nº 132, 12 de junho de 1931.
Ano 106. Edição nº 138, 19 de junho de 1931.
Ano 106. Edição nº 150, 5 de julho de 1931.
Ano 106. Edição nº 162, 21 de julho de 1931.

Ano 106. Edição nº 180, 11 de agosto de 1931.
Ano 106. Edição nº 192, 25 de agosto de 1931.
Ano 106. Edição nº 200, 3 de setembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 211, 17 de setembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 212, 18 de setembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 213, 19 de setembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 214, 20 de setembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 215, 23 de setembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 227, 6 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 231, 10 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 232, 11 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 233, 13 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 235, 15 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 238, 18 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 239, 20 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 240, 21 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 241, 22 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 242, 23 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 243, 24 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 246, 29 de outubro de 1931.
Ano 106. Edição nº 254, 13 de novembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 262, 23 de novembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 263, 26 de novembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 267, 1 de dezembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 273, 8 de dezembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 281, 18 de dezembro de 1931.
Ano 106. Edição nº 286, 24 de dezembro de 1931.
Ano 107. Edição nº 7, 10 de janeiro de 1932.
Ano 107. Edição nº 8, 12 de janeiro de 1932.
Ano 107. Edição nº 20, 26 de janeiro de 1932.
Ano 107. Edição nº 39, 18 de fevereiro de 1932.

Ano 107. Edição nº 41, 20 de fevereiro de 1932.
Ano 107. Edição nº 52, 8 de março de 1932.
Ano 107. Edição nº 61, 18 de março de 1932.
Ano 107. Edição nº 68, 28 de março de 1932.
Ano 107. Edição nº 78, 8 de abril de 1932.
Ano 107. Edição nº 81, 13 de abril de 1932.
Ano 107. Edição nº 87, 20 de abril de 1932.
Ano 107. Edição nº 97, 1 de maio de 1932.
Ano 107. Edição nº 98, 3 de maio de 1932.
Ano 107. Edição nº 99, 4 de maio de 1932.
Ano 107. Edição nº 108, 15 de maio de 1932.
Ano 107. Edição nº 109, 17 de maio de 1932.
Ano 107. Edição nº 110, 18 de maio de 1932.
Ano 107. Edição nº 124, 5 de junho de 1932.
Ano 107. Edição nº 125, 7 de junho de 1932.
Ano 107. Edição nº 127, 9 de junho de 1932.
Ano 107. Edição nº 158, 19 de julho de 1932.
Ano 107. Edição nº 180, 13 de agosto de 1932.
Ano 107. Edição nº 218, 2 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 219, 4 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 220, 5 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 221, 6 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 222, 7 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 227, 13 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 229, 15 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 232, 19 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 233, 20 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 237, 25 de outubro de 1932.
Ano 107. Edição nº 243, 1 de novembro de 1932.
Ano 107. Edição nº 244, 4 de novembro de 1932.
Ano 107. Edição nº 284, 23 de dezembro de 1932.

Ano 107. Edição nº 286, 25 de dezembro de 1932.

Ano 108. Edição nº 13, 17 de janeiro de 1933.

Ano 108. Edição nº 24, 29 de janeiro de 1933.

Ano 108. Edição nº 30, 5 de fevereiro de 1933.

Ano 108. Edição nº 42 A, 19 de fevereiro de 1933.

Ano 108. Edição nº 58, 12 de março de 1933.

Ano 108. Edição nº 59, 14 de março de 1933.

Ano 108. Edição nº 60, 15 de março de 1933.

Ano 108. Edição nº 67, 28 de março de 1933.

Ano 108. Edição nº 81, 8 de abril de 1933.

Ano 108. Edição nº 94, 26 de abril de 1933.

Ano. 108. Edição nº 105, 10 de maio de 1933.

Ano 108. Edição nº 111, 17 de maio de 1933.

Ano. 108. Edição nº 117, 24 de maio de 1933.

Ano 108. Edição nº 137, 18 de junho de 1933.

Ano 108. Edição nº 138, 20 de junho de 1933.

Ano 108. Edição nº 152, 8 de julho de 1933.

Ano 108. Edição nº 153, 9 de julho de 1933.

Ano 108. Edição nº 154, 11 de julho de 1933.

Ano 108. Edição nº 155, 12 de julho de 1933.

Ano 108. Edição nº 165, 23 de julho de 1933.

Ano 108. Edição nº 174, 3 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 175, 4 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 176, 5 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 183, 13 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 185, 17 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 186, 18 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 195, 29 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 196, 30 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 197, 31 de agosto de 1933.

Ano 108. Edição nº 211, 16 de setembro de 1933.

Ano 108. Edição nº 212, 17 de setembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 214, 20 de setembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 217, 23 de setembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 220, 27 de setembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 245, 26 de outubro de 1933.
Ano 108. Edição nº 247, 28 de outubro de 1933.
Ano 108. Edição nº 248, 29 de outubro de 1933.
Ano 108. Edição nº 249, 1 de novembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 250, 3 de novembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 251, 4 de novembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 252, 5 de novembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 255, 9 de novembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 256, 10 de novembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 259, 14 de novembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 260, 15 de novembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 276, 3 de dezembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 287, 17 de dezembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 288, 19 de dezembro de 1933.
Ano 108. Edição nº 294, 27 de dezembro de 1933.
Ano 109. Edição nº 15, 20 de janeiro de 1934.
Ano 109. Edição nº 24, 31 de janeiro de 1934.
Ano 109. Edição nº 25, 1 de fevereiro de 1934.
Ano 109. Edição nº 33, 10 de fevereiro de 1934.
Ano 109. Edição nº 39, 18 de fevereiro de 1934.
Ano 109. Edição nº 62, 17 de março de 1934.
Ano 109. Edição nº 75,5 de abril de 1934.
Ano 109. Edição nº 78, 8 de abril de 1934.
Ano 109. Edição nº 81, 12 de abril de 1934.
Ano 109. Edição nº 108, 16 de maio de 1934.
Ano 109. Edição nº 109, 17 de maio de 1934.
Ano 109. Edição nº 150, 6 de julho de 1934.

Ano 109. Edição nº 158, 15 de julho de 1934.
Ano 109. Edição nº 195, 7 de setembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 199, 13 de setembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 202, 16 de setembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 205, 20 de setembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 220, 7 de outubro de 1934.
Ano 109. Edição nº 226, 14 de outubro de 1934.
Ano 109. Edição nº 233, 23 de outubro de 1934.
Ano 109. Edição nº 242, 4 de novembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 243, 6 de novembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 244, 7 de novembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 247, 10 de novembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 250, 11 de novembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 251, 13 de novembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 252, 14 de novembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 270, 5 de dezembro de 1934.
Ano 109. Edição nº 279, 15 de dezembro de 1934.
Ano 110. Edição nº 27, 1 de fevereiro de 1935.
Ano 110. Edição nº 30, 5 de fevereiro de 1935.
Ano 110. Edição nº 59, 13 de março de 1935.
Ano 110. Edição nº 69, 24 de março de 1935.
Ano 110. Edição nº 70, 26 de março de 1935.
Ano 110. Edição nº 106, 7 de maio de 1935.
Ano 110. Edição nº 114, 16 de maio de 1935.
Ano 110. Edição nº 118, 21 de maio de 1935.
Ano 110. Edição nº 124, 26 de maio de 1935.
Ano 110. Edição nº 127, 30 de maio de 1935.
Ano 110. Edição nº 128, 31 de maio de 1935.
Ano 110. Edição nº 133, 5 de junho de 1935.
Ano 110. Edição nº 140, 18 de junho de 1935.
Ano 110. Edição nº 172, 23 de julho de 1935.

Ano 110. Edição nº 180, 1 de agosto de 1935.
Ano 110. Edição nº 190, 13 de agosto de 1935.
Ano 110. Edição nº 201, 28 de agosto de 1935.
Ano 110. Edição nº 210, 7 de setembro de 1935.
Ano 110. Edição nº 212, 10 de setembro de 1935.
Ano 110. Edição nº 213, 11 de setembro de 1935.
Ano 110. Edição nº 214, 12 de setembro de 1935.
Ano 110. Edição nº 222, 21 de setembro de 1935.
Ano 110. Edição nº 236, 8 de outubro de 1935.
Ano 110. Edição nº 242, 16 de outubro de 1935.
Ano 110. Edição nº 252, 27 de outubro de 1935.
Ano 110. Edição nº 255, 31 de outubro de 1935.
Ano 110. Edição nº 264, 10 de novembro de 1935.
Ano 110. Edição nº 265, 12 de novembro de 1935.
Ano 110. Edição nº 272, 20 de novembro de 1935.
Ano 110. Edição nº 289, 11 de novembro de 1935.

Notícias do Jornal Pequeno

Ano XXXIV. Edição nº 9, 13 de janeiro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 17, 22 de janeiro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 30, 6 de fevereiro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 44, 24 de fevereiro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 45, 25 de fevereiro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 105, 9 de maio de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 110, 16 de maio de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 199, 3 de setembro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 211, 18 de setembro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 234, 15 de outubro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 244, 28 de outubro de 1931.
Ano XXXIV. Edição nº 260, 18 de outubro de 1931.

Ano XXXIV. Edição nº 290, 24 de novembro de 1931.

Ano XXXV. Edição nº 30, 6 de fevereiro de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 110, 17 de maio de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 122, 1 de junho de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 149, 6 de junho de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 164, 23 de julho de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 182, 13 de agosto de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 186, 18 de agosto de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 207, 12 de setembro de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 249, 31 de outubro de 1932.

Ano XXXV. Edição nº 291, 22 de dezembro de 1932.

Ano XXXVI. Edição nº 44, 22 de fevereiro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 47, 25 de março de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 85, 12 de abril de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 95, 26 de abril de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 108, 13 de maio de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 111, 17 de maio de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 152, 8 de junho de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 167, 28 de julho de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 211, 18 de setembro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 213, 20 de setembro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 215, 22 de setembro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 216, 23 de setembro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 218, 26 de setembro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 233, 14 de outubro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 241, 24 de outubro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 244, 27 de outubro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 247, 31 de outubro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 256, 13 de novembro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 257, 14 de novembro de 1933.

Ano XXXVI. Edição nº 258, 16 de novembro de 1933.

- Ano XXXVI. Edição nº 281, 14 de dezembro de 1933.
- Ano XXXVII. Edição nº 16, 20 de janeiro de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 34, 10 de fevereiro de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 80, 10 de abril de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 108, 16 de maio de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 109, 19 de maio de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 183, 16 de agosto de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 213, 21 de setembro de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 218, 27 de setembro de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 240, 23 de outubro de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 247, 3 de novembro de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 250, 7 de novembro de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 254, 12 de novembro de 1934.
- Ano XXXVII. Edição nº 256, 14 de novembro de 1934.
- Ano XXXVIII. Edição nº 31, 6 de fevereiro de 1935.
- Ano XXXVIII. Edição nº 64, 18 de março de 1934.
- Ano XXXVIII. Edição nº 102, 6 de maio de 1935.
- Ano XXXVIII. Edição nº 107, 11 de maio de 1935.

8. BIBLIOGRAFIA

- ANJOS, João Alfredo dos. O Humanista Ulysses Pernambucano. **Revista de História Municipal**. Recife: CEHM – Centro de Estudos de História Municipal, n. 11. dez. 2015.
- BASTOS, Othon. **História da Psiquiatria em Pernambuco e outras histórias**. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.
- CANOVA, Loiva. A questão da loucura na historiografia ocidental e nos jornais da cidade de Cuiabá na primeira república. **Veredas da História**, ano IV-Ed.1 – 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/10383/7730>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- CAPELATO, Maria Helena Rolin. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CARR, E. H. **Que é história?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COELHO FILHO, Heronides. **A psiquiatria no país do açúcar**. Recife: Edição do autor, 1977.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria do Brasil -Um corte ideológico/ Jurandir Freire Costa**. – 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

COSTA, Veloso. **Medicina, Pernambuco e o Tempo**. Terceiro Volume. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1983.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. Tradução Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FONTE, Eliane Maria Monteiro da. Da institucionalização da loucura à reforma psiquiátrica: as sete vidas da agenda pública em saúde mental no Brasil. **Estudos de Sociologia**, [S.l.], v. 1, n. 18, mar. 2013. ISSN 2317-5427. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235235/28258>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GARCIA, Tarcila. **A loucura impressa: uma representação social da loucura na mídia impressa, no contexto da crise da Dinsam (1978-1982)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/18986>. Acesso em: 12 jun 2020.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2009 1 CD-ROM

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v.7 n.1 p 3-17. Araguaína -TO: Universidade Federal do Tocantins, 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/article>. Acesso em: 10 set. 2021.

MAIA, Clarissa Nunes. **Policidados: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife, 1865-1915**, Tese (Doutorado em História), CFCH, UFPE, 2001. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=19012. Acesso em: 15 ago. 2020.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006

MATIAS, Kamilla Dantas. **A loucura na idade média - Ensaio sobre algumas representações**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de Coimbra. 2015. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/36024>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MELLO, Thiago de. **Estatuto do homem**. Santiago: 1964. Disponível em: <http://www.vidaempoesia.com.br/thiagodemello.htm>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **Quando a razão começa a julgar a loucura: a institucionalização do sistema manicomial em Pernambuco**. Disponível em: [file:///C:/Users/jucil/Downloads/110061-59041-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/jucil/Downloads/110061-59041-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 12 jun 2020

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Vivências amargas: a divisão de assistência a psicopatas de Pernambuco nos primeiros anos da década de 30. **Clio- Revista de pesquisa história** – Recife, n. 24, v. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24744>. Acesso em: 20 fev. 2021

MIRANDA, Luiz Salvador de. Apresentação. In: BASTOS, Othon **História da Psiquiatria em Pernambuco e outras histórias**. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.

MIRANDA, Carlos alberto cunha. Cárcere da mente: algumas experiências de homens internados no hospital de alienados de Pernambuco no Estado Novo. **Deculum** – Revista de História [40], p.108-130; João Pessoa, jan/jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/44204>. Acesso em: 20 fev. 2021

MOREIRA, Juliano. Notícias sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil [1905]. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. 14 (4) . Dez 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/XWnPsxmrnXtXmt8nm6wFRjy/?lang=pt> . Acesso em: 20 fev. 2021

ODA, Ana Maria Galdini; DALGALARRONDO, Paulo. História das primeiras instituições para alienados no Brasil. **Revista de História, Ciências e saúde**, v.12, n.3, p.983-1010, set-dez.2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RHJYmhbjt3DHjHkPt9xy8TK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2020.

OLIVEIRA, Raniele Duarte. **Os jornais enquanto fontes de pesquisa**: possibilidades de estudos a respeito do município de Uberaba/MG. Disponível em: http://encontro2016.mg.anpuh.org/resources/anais/44/1469195631_ARQUIVO_TextoAnpuh2016.pdf. Acesso em: 10 set. 2021

PONTES, Cleto. **Machado de Assis, Lima Barreto e o Hospital Psiquiátrico**. Fortaleza: Armazém da cultura, 2010.

PONTUAL, Virginia. **O Urbanismo no Recife**: entre ideias e representações. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/39/25> Acesso em: 28 out. 2021.

QUEIROZ, Valéria Debórtoli de Carvalho. **Entre o passado e o presente**: a prática profissional do Assistente Social no campo da saúde mental. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15056/15056_1.PDF. Acesso em: 11 set. 2020.

SOUZA, Milena Luckesi; BOARINI, Maria Lucia. A deficiência mental na concepção da liga brasileira de higiene mental. **Rev. bras. educ. espec.** vol.14 no.2 Marília May/Aug. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/wXT9mjTRHLSM7GYqYNcNNzF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2020.

THOMSON, Ana Beatriz Accorsi. Os paradidáticos no ensino de História: uma reflexão sobre a literatura infantil/juvenil na atualidade. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistadolhiste/article/view/63936> . Acesso em 28 set 2021.

VAZ, Alexandre Fernandes; FUCK, Lara Beatriz. Higiene do corpo e higiene da mente: algumas raízes da psiquiatrização da educação no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n.55, pp. 327-354, Jan.-Abr. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/25309>. Acesso em: 11 jan. 2020

VICENTINI, Renato da Silva. **Entre sanatórios e terreiros: Ulysses Pernambucano, René Ribeiro, e o projeto reformista da psiquiatria social de Recife (1910 – 1940)** Rio de Janeiro, 2019. Disponível em : http://ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_renato_vicentini.pdf . Acesso 12 mai. 2021

VIEIRA. Priscila Piazzentini. Reflexões sobre A História da Loucura de Michel Foucault. **Revista Aulas.** IFCH/UNICAMP. 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/aulas/article/view/1934>. Acesso em: 17 mai. 2021